

O CIRCO

"O circo é o único lugar do mundo onde se pode sonhar de olhos abertos". (Ernest Hemingway, 1899-1961)

Respeitáveis leitores: não vai muito longe o tempo em que havia muitos circos em atividade no Brasil; atualmente, principalmente os pequenos e médios circos enfrentam um lamentável processo de extinção. Quase que já não podemos ver aqueles tradicionais lonados radiais que eram tão comuns há pouco tempo. Já faltam espaços para a montagem deles. Os circos de família, aqueles que eram passados de geração para geração, quase todos malograram. Não bastasse isto, tem aumentando bastante a resistência contra circos que usam animais nas suas apresentações, por causa de possíveis maus tratos que eles sofrem; em alguns municípios já há leis que proíbem a instalação de circos que se utiliza de animálias.

Mas os circos já tiveram o seu encantamento e fizeram parte do imaginário daqueles que os conheceram apresentando com total plenitude. Aqui em São João del-Rei, muitos deles já foram armados na frente da Igreja de Santa Teresinha, no final do Tijuco, nas proximidades da Ponte do Porto Real da Passagem, no final da Av. Leite de Castro... Era comum ouvirmos casos de pessoas que, quando da passagem dos circos, de tão encantadas com as particularidades da vida circense, abandonavam tudo para seguir ou fugir com a trupe. Ocasionalmente, alguns dos que vinham com o circo, também resolviam desertar para ficar vivendo definitivamente nas cidades por onde passavam...

No distrito de São Miguel do Cajuru de cerca de 40 anos atrás, especialmente no mês de setembro, época das festas do padroeiro da localidade, há lembranças de circos que por lá se instalavam. Relatos orais nos dão conta de que eram os ciganos aqueles que estavam mais ligados às práticas circenses e que ofereciam brejeiros espetáculos de variedades onde tudo podia acontecer no picadeiro. Para conseguir dar conta das apresentações, em face da escassez de artistas, desconfiava-se do recrutamento de algumas pessoas que residiam na vila e eram rapidamente treinadas para improvisar nos atos, o que quase sempre era desastroso, mas que por assim ser tornava-se algo muito divertido. Depois dos espetáculos era comum haver comentários de que o palhaço poderia ter sido o "fulano de tal", que um figurante seria o "sicrano" ou o "beltrano", coisas que aguçavam a curiosidade dos compadres, das comadres (estas geralmente não iam aos espetáculos, mas sabiam deles melhor do que quem os havia assistido!). O assunto servia de pasto e dava munição para conversações étlicas mantidas

nos balcões das bodegas cajuruenses (na venda do “Sô Bindito de Freita”, por exemplo). A criançada, mais de cinquenta por cento procurava entrar no circo furtivamente e observava os espetáculos de meia-jota (por entre os vãos do lonado) ou com as cabecinhas apontando por debaixo da lona; além de se divertir com os palhaços, havia a possibilidade de comprar ou ganhar pipocas, balas, pirulitos ou aqueles cones de papel contendo amendoins torrados. Ainda que em vão, arriscavam-se nas tentativas para adivinharem quem do arraial estaria envolvido com o pessoal do circo: fantasiavam que era o popular “Zé Botinha” (da família Guimarães) ou, então, que podia ser o fanfarrão “Chiquinho da Alzira” (Francisco das Mercês de Ávila), dentre outros...

A respeito da escassez de “artistas circenses” e da necessidade de recrutá-los nos locais das apresentações, relembro aqui, ainda que de maneira abreviada, um dos textos que integram o livro “Persona ou o Corretor de Imóveis”, que é da lavra do setembrino aniversariante Oyama de Alencar Ramalho; sob o título de “O Mágico”, o autor conta-nos que certa ocasião um circo chegou num lugarejo e que pelas ruas logo trataram de espalhar cartazes “anunciando uma grande oportunidade: recrutar na própria cidade uma moça para ser Cleópatra. Pagava-se bem, além da possibilidade de um contrato definitivo com a trupe”. Anunciaram: no último dia de permanência naquela cidadezinha, haveria uma apresentação que não seria adequada “aos que sofressem do coração e àqueles que se impressionassem facilmente. (...) A grande atração, nem era o mágico, era Cleópatra, a Rainha do Nilo, que desfilaria nua sob o foco de luz de um potente holofote, antes de entrar na urna do faraó”. No dia da apresentação “os camarotes da pista foram invadidos, a multidão queria ver de perto a Paula Renata (...). A moça, envolta numa malha transparente e de salto alto, deu uma volta inteira no picadeiro sob o delírio da inquieta platéia, antes de entrar na urna do faraó. Veio, então, Zanzibar, o Grande, com seus afiados e travados serrotes. No silêncio que se abatera sobre o circo e ao som de uma música macabra, o mágico enfiou o serrote numa fresta da urna e deu a impressão de que serrava a cabeça de Paula Renata, que só deu um gritinho rápido e engasgado. Em seguida, serrou a perna esquerda, a direita e os braços. Quando terminou, Zanzibar, o Grande, abriu a urna, retirou as peças ensangüentadas e colocou-as num cesto. Na platéia: desmaios, suspiros, assobios e aplausos. Entrou a turma dos mata-cachorros e carregou as trapizongas de Zanzibar, o Grande, que, enrolado numa capa vermelha, agradecia as palmas enquanto se retirava do picadeiro com reverências orientais. O povo saiu discutindo as hipóteses explicativas do truque e a versão mais comentada era a do alçapão por onde Paula Renata teria escapado, sendo substituída por uma boneca”. Naquele mesmo momento, em outra cidade, “estavam anunciando a chegada do Circo Ganense, onde haveria o magnífico espetáculo do inigualável mágico Zanzibar,

o Grande. Os folhetos de recrutamento já estavam espalhados: *Precisa-se de jovem bonita para trabalhar como Cleópatra, a Rainha do Nilo, no espetáculo de Zanzibar, o Grande. Bom salário, carteira assinada, alimentação, alojamento, assistência médica, férias regulamentares. Seleção a partir de 9 horas.* Enquanto isto, “Zanzibar, o Grande, fazia bons bifés das partes nobres [de Paula Renata!]; o resto ele dava aos leões.”

Mas a verdade é que os mambembes ou saltimbancos que iam até São Miguel do Cajuru, tão logo começassem a montar as suas lonas, tornavam as atrações daquela póvoa. No dia das apresentações, palhaços equilibrando-se em pernas de pau percorriam as vielas do arraial apregoando através de imensos megafones de lata: "Hoje tem marmelada??? Tem sim senhor!!! Hoje tem goiabada??? Tem sim senhor!!! E hoje tem espetáculo? Tem sim, senhor... E o palhaço, o que é? É ladrão de mulher!". Durante uma semana mais ou menos, eles se apresentavam tentando dominar animais (infelizes adestramentos de cavalos, p. ex.), fazendo truques, malabarismos, contorcionismos, equilibrismos, montando monociclos, apresentando ilusionismos, pirofagias, engalfinhando-se em grotescas lutas, fazendo acrobacias e equilibrismos, montando surrados monociclos ou se apresentando em simplórios autos dramáticos (pantominas), etc.

Não era nada que se comparasse ao atual “Cirque du Soleil”, é claro! Tudo era realizado em reduzidos picadeiros forrados com palha de arroz, rodeados por singelas arquibancadas (ou “poleiros”) de madeira e toscas cadeirinhas dobráveis, as quais eram ocupadas pelos mais importantes, bem relacionados ou mais espertos do lugar. Alguns arremedos de touradas eram experimentados, com o uso de animais bravos e/ou assustados, que geralmente eram tomados emprestados de criadores locais. A cobertura de lona chamava atenção: bem alta e esticada ao redor de um grande mastro central, era vista de longe; as partes mais elevadas eram enfeitadas com bandeirinhas multicoloridas; as cordas eram estiradas e amarradas em estacas marretadas no chão duro de terra batida. Lembro-me de que num desses circos anunciaram a presença de um gorila; surpreendentemente, ninguém havia visto a jaula com o animal. Para cumprir o anúncio, o pessoal tratou de suprir a falta apresentando um sujeito vestido com roupa peluda e preta, com máscara de macaco e que foi apresentado como se fosse recém-saído das florestas equatoriais africanas; puxado pelo adestrador, foi apresentado sob penumbra e preso a um barão atado no pescoço; a criatura, ainda que desastradamente, esforçava-se para proceder como se fosse a própria fera; a assistência, iludida, aplaudia o tal gorila; no final do ato, vitimado pela inépcia, aquele arremedo de símio achou por bem retribuir as palmas com meneios de cintura, dando adeusinhos e jogando muitos beijinhos para a assistência. No dia seguinte, num varal estendido no meio de toscas tendas,

José Antônio de Ávila Sacramento
www.patriamineira.com.br

estava estendida a murcha fantasia d'um grande macaco desinfetando-se sob o sol cajuruense.

A tradição dos circos pode até estar perecendo, mas restam-nos as suas boas lembranças. Os poucos deles que sobrevivem ainda devem conseguir levar alguma alegria aos locais por onde passam. É o que certamente aconteceu num pequeno circo que neste mês de setembro de 2011, como que se estivesse a servir de pretexto para que eu rememorasse essas coisas, esteve com sua lona radial esticada nas proximidades da “Rua de Trás”, numa das entradas do Distrito de São Miguel do Cajuru.



Pequeno circo armado no distrito são-joanense de São Miguel do Cajuru, conforme fotografia registrada pelo escultor sacro Osni Paiva, no mês de setembro de 2011.

*Este texto foi publicado originalmente no **Jornal de Minas**
São João del-Rei - MG – Ano XII, edição nº 161, página 2
23 a 29 de setembro de 2011*

São João del-Rei - Minas Gerais - Brasil